

14/12/56

LIVROS

ERA preciso fazer alguma coisa para incentivar a crítica no Brasil. Cada vez há menos quem se arrisque a esse gênero tão difícil e tão ingrato, e, quando surge alguém, nada o convida a permanecer no ofício. Estamos, entretanto, creio eu, numa dessas viradas da história literária em que começam a rebentar valores novos. Nunca se publicou tanta poesia no Brasil, e pegando esses livrinhos que pululam a gente tem surpresas boas. Na prosa os já veteranos também mostram novidade. Mas quem se arrisca a meditar com método sobre essas aparições e fenômenos? Eu sugeriria pelo menos um incentivo grosseiro mas justo, vamos dizer um prêmio grande anual em dinheiro para o melhor crítico do ano, prêmio talvez mais necessário no momento que outros para prosa e verso. Não desconheço que ainda há alguns heróis de paciência (para citar apenas um, o sempre informado e lúcido Sérgio Milliet) que labutam no ramo, porém, se a gente repara em outras literaturas, como a lusitana, para dar um exemplo, veremos que, em relação à nossa produção literária, estamos relativamente desarmados de crítica; e os autores sentem isso, e a literatura se ressentida.

Agora mesmo temos o caso de dois romances que estão pedindo crítica: esse «O encontro marcado», de Fernando Sabino, e o «Doramundo», de Geraldo Ferraz.

Estou daqui desafiando uma Lúcia Miguel Pereira, um Antônio Cândido, um Wilson Lins, um Joel Pontes, um Sérgio Buarque de Holanda para nos ajudar a entender e situar esses livros, ambos seguramente importantes. Do primeiro não posso fazer mais que dar uma notícia lisa; qualquer comentário que eu fizesse seria atrapalhado pela circunstância de ser eu amigo do autor desse romance largamente auto-biográfico e de quase todos seus personagens — eu mesmo sou como um «caco», como se diz em teatro, na boca ou no gesto de algum personagem. É claro que Sabino não conta os fatos que houve, e como houve; ele mistura pessoas e situações, mas de qualquer modo o meu conhecimento me perturba e não consigo imaginar como eu reagiria diante do livro se fôsse um estranho. Nem imagino mesmo em que consistirá principalmente esse livro, qual será amanhã sua importância, talvez o depoimento sobre uma certa geração ou turma, ou apenas a história de uma aventura humana diante dos humanos e de Deus. Não sei. Sejam os cautos dizendo apenas sem medo de errar, que o livro é todo bem escrito (mais que os anteriores do autor) e arrasta o leitor com seu interesse.

«Doramundo» tem força, é um livro grossamente viril, acho que ele ganharia por isso com uma técnica mais toska e menos sábia; mas francamente não estou seguro. Eu sou meio espírito-de-porco nessas coisas, me lembro da raiva de Mário de Andrade quando anunciei, de brincadeira, que ia traduzir o «Macunaima» para a língua geral; «Macunaima» não, os contos de «Belazarte».

Minha tendência seria, assim, para poder os cipós e lianas de um Guimarães Rosa, botar a história contada do começo para o fim como deve ser — sim, na verdade, na vida, elas acontecem embrulhadas, começando quase sempre pelo meio, mas meu longo vício de jornalista me impeliria sempre a ajudar o leitor e não a fazê-lo sofrer com as perplexidades do desentempo — desculpem, lá eu ia inventando uma palavra — que no momento não me ocorre a outra; a palavra direita para dizer que uma coisa é contada assim com desrespeito ao relógio e à folhinha.

O livro de Geraldo é como um romance naturalista contado por um expressionista — Sérgio Milliet lembrou logo de cara o patrono certo desse livro, é Goya. É uma história densa e forte palpitando no escuro, acontecendo aos baques, doria um filme tremendo, entre silvos e jatos de luz. O que nele me parece sobretudo bom é sua concentrada unidade geral de enredo, tipos, estilo, paisagem, emoção — é um bloco. Acho que Geraldo Ferraz «criou» uma coisa, e isso é grave.